

PRÁTICAS SOCIAIS: INCENTIVO À EDUCAÇÃO E OUTRAS PRÁTICAS COMO ESTÍMULO À RELEVÂNCIA SOCIAL

**SOCIAL PRACTICES: PROMOTION OF EDUCATION AND OTHER PRACTICES
AS FOSTERING THE SOCIAL RELEVANCE**

Ederson Malheiros Menezes¹

Josemar Valdir Modes²

RESUMO

O presente texto provoca a reflexão acerca das necessárias iniciativas cristãs para além das ações internas que a igreja realiza, ou seja, práticas sociais, as quais refletem uma expectativa social. A partir deste objetivo considera-se a relação da comunidade cristã com a educação, as perspectivas do cristianismo e da sociedade em termos de uma prática educativa, além dos resultados de uma experiência em andamento. Para tal foram considerados teóricos de diversas áreas conforme referenciais indicados.

Palavras-chaves: Práticas sociais. Sociedade. Educação. Religião.

ABSTRACT

This paper provokes reflection on the necessary Christian initiatives beyond the internal actions that the church holds, ie, social practices, which reflect a social

¹Teólogo e sociólogo, especialista em educação, acadêmico do curso de Mestrado em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social (Unicruz/RS); Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - CAPES/FAPERGS). E-mail: educacaosociologica@gmail.com

²Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira. Tem especialização na área de Liderança e Gestão de Pessoas pelas Faculdades Batista do Paraná, mestrado livre na área de Missão Integral da Igreja pelo Seminário Teológico Batista Independente e mestrado em Teologia Pastoral pelas Faculdades Batista do Paraná. Trabalha como Pastor na Igreja Batista Emanuel em Panambi/RS e como professor e coordenador de Graduação na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: dinho@batistapioneira.edu.br

expectation. From this objective considers the relationship of the Christian community with education, the prospects of Christianity and society in terms of educational practice, besides the results of an experiment in progress. To this end they were considered theoreticians from various fields as indicated benchmarks.

Keywords: Social practices. Society. Education. Religion.

INTRODUÇÃO

Independente da instituição social em foco, sabe-se que todas, sem exceção, são alvo de expectativas da sociedade. De certa forma, estas expectativas são a justificativa de sua existência. Por exemplo, se a instituição for algum órgão jurídico, espera-se que ela promova a justiça de forma a justificar sua existência. Quando isso não acontece, gera-se certa animosidade em relação à instituição em foco.

Na atualidade constata-se uma constante crítica a uma diversidade de instituições, incluindo as eclesásticas, o que sugere reflexões acerca de sua relevância social. O próprio meio eclesástico produz algumas propostas teológicas como a Teologia da Libertação³ ou a Teologia da Missão Integral⁴ na tentativa de responder a estas expectativas e orientar as práticas.

³ **Teologia da Libertação.** “Doutrina libertária que, tendo surgido após o Concílio Vaticano II, foi elaborada e sistematizada no continente sul-americano: Medellín (1968) e Puebla (1979). Interpretando as doutrinas bíblicas a partir de um prisma revolucionário, a Teologia da Libertação opta, conforme alegam os seus proponentes, pelos desfavorecidos e injustiçados, através de uma crítica sociológica e econômica da sociedade nos moldes do marxismo. Sua base de ação são as chamadas comunidades eclesiais de base [...]”. In: ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. 13. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. p. 341.

⁴ **Teologia da Missão Integral.** Surgida dentro da Fraternidade Teológica Latino-Americana, exerceu grande influência sobre o movimento de Lausanne e na assinatura do *Pacto de Lausanne* em 1967. Ela propõe um novo paradigma de missão para a igreja cristã, que até o momento era visto como o mero anúncio da Palavra de Deus em algum país estrangeiro. Segundo Padilla, a TMI [Teologia da Missão Integral] não é uma teologia com a pretensão de abarcar todos os temas de um sistema teológico completo, como é o caso, por exemplo, da “Instituição da Religião Cristã”, de João Calvino. É, na verdade, uma aproximação à fé cristã que tenta relacionar a revelação do Deus trino com a totalidade da criação e com todo aspecto da vida humana, e tem como propósito a obediência da fé para a glória de Deus. In: PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral**, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ultimo.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 09 fev. 2015. Complementando ainda a definição, pode-se afirmar que “Missão Integral é a proclamação e a demonstração do evangelho. Não significa simplesmente que o evangelismo e o envolvimento social tenham que ser realizados simultaneamente. Na Missão Integral, nossa proclamação tem consequências sociais quando convocamos as pessoas ao amor e ao arrependimento em todas as áreas da vida. Nosso compromisso social tem consequências para a evangelização quando damos testemunho da graça transformadora de Jesus Cristo. Se ignoramos o mundo, traímos a Palavra de Deus, que nos envia para servir o mundo. Se ignoramos a Palavra de Deus, não temos nada para oferecer ao mundo”. In: STEUERNAGEL, Valdir. **O Movimento Lausanne e a Missão Integral**, 20 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ultimo.com.br/conteudo/o-movimento-lausanne-e-a-missao-integral#pacto+de+lausanne>>. Acesso em: 09 fev. 2015; PADILLA, René. **O que é missão integral?** Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009. p. 13-23.

Neste artigo, o foco não é analisar estas propostas teológicas, por mais relevantes que possam ser para tal reflexão. O intuito é buscar subsídios bíblicos para a ação da igreja na sociedade, tendo por eixo uma experiência prática no contexto eclesial e educacional. Para tal reflexão serão considerados pensadores da área teológica que fundamentam a reflexão bíblica e outros da área educacional.

1. A COMUNIDADE ECLESIAL CRISTÃ

1.1 Surge e se mantém pela prática educadora

O surgimento da comunidade cristã, conforme a própria designação, é Cristo, ou seja, Jesus Cristo reconhecido como Filho de Deus, o qual foi também reconhecido como Mestre por vários dentre aqueles que o seguiam e os que procuravam contradizê-lo (Mt 8.19; Mt 9.11; Mt 12.38; Mt 17.24; Mt 19.16; Mt 22.16; Mt 22.24,36; Mt 26.49). O próprio Jesus fazia referência em seus ensinamentos acerca da prática educativa que envolvia mestres e discípulos, referindo-se a si como Mestre (Mt 10.24-25; Mt 23.8; Mt 26.18).

A prática do ensino era algo extremamente amplo no ministério de Jesus (Mt 4.23) de forma a aproveitar sinagogas e outros diversos ambientes para ensinar (Mt 5.1-2; Mt 9.35; Mt 11.1; Mt 21.23). Esta prática educadora tinha um conteúdo próprio, ou seja, o Evangelho de Jesus Cristo, e foi designada aos seus discípulos (Mt 28.18-20).

Assim, para Price

Ninguém esteve [mais bem] preparado, e ninguém se mostrou mais idôneo para ensinar do que Jesus. No que toca às qualificações, bem como noutros aspectos, Jesus foi o mestre ideal. Isso é verdade tanto visto do ângulo divino como do humano. No sentido mais profundo, Jesus foi 'um mestre vindo da parte de Deus'. Muitos elementos contribuíram para prepará-lo eficientemente para o magistério.⁵

Para este autor é justamente esta ênfase que Jesus deu ao ensino que justifica o seu reconhecimento como Mestre.⁶ Para Price, o fato de Jesus ser chamado de Mestre e seus seguidores serem designados como discípulos por cerca de 243 vezes são indícios fundamentais da prática educadora e do valor que a mesma adquiriu. Assim, conclui que o que Jesus fez foi preparar um grupo de mestres tendo em vista dar continuidade ao que ele já havia feito.⁷

⁵PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. 7. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1990, p. 9.

⁶PRICE, 1990, p. 15.

⁷PRICE, 1990, p. 16-17.

1.2 Como instituição de educação não formal

Nos dias atuais as instituições religiosas fazem parte de um espaço reconhecido, ou seja, junto com outras várias instituições são designadas como instituições de educação não formal. Isso está exposto por Gohn, que reconhece uma evolução do conceito de educação “que não se restringe mais aos processos de ensino-aprendizagem no interior de unidades escolares formais, transpondo os muros da escola para os espaços da casa, do trabalho, do lazer, do associativismo, etc.”.⁸ Assim, as comunidades religiosas cristãs precisam compreender a própria designação que lhes pertence, valorizando a oportunidade concedida.

Pela dinâmica da educação, que se estende desde a família, perpassando a escola e também outros espaços educacionais, percebe-se a delimitação em termos de ações não estabelecidas com rigidez, o que remete para realidades históricas e culturais do passado que fundamentavam o contexto cristão primitivo.

Ahlert vai recuperar historicamente a fusão existente entre educação e a religião judaica que serviu de base para as práticas cristãs primitivas. Recuperando a educação desde sua dependência da oralidade, mostra como historicamente desenvolveu-se promovendo valores e se articulando não só na família, mas também por meio dos líderes e mestres religiosos.⁹

Considerando brevemente este contexto, respeitando os limites institucionais, a prática educativa, seja efetiva ou de apoio, transita livremente, oportunizando aos interessados conhecer no seu próprio contexto cada conteúdo específico. Em outras palavras, a ação educativa, mesmo que restrita aos conteúdos e valores educacionais, abre diálogos para que as pessoas possam procurar as comunidades cristãs para conhecer o Evangelho, assim como as comunidades cristãs podem procurar o espaço educacional para dar suas contribuições. Esta proposta pode ser enriquecida quando se considera que a educação cristã em seu contexto próprio está necessitando de atualização quanto as suas propostas.

Ao refletir sobre implicações temporais acerca da educação, Molochenco se refere ao contexto cristão considerando o desafio interno que vivencia em relação à práxis educacional: “Não vejo outra solução senão de nos abrimos para novas teorias de ensino, novas formas de ensinar, abandonando o que não está mais

⁸ GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 17.

⁹ AHLERT, Alvor. *A eticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária/universal*. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 35-38.

funcionando, revendo velhos hábitos e costumes se estes transformaram-se em rotinas e não mais atingem o coração do nosso povo”.¹⁰

Assim, a prática e as ações educativas sociais são vistas como contribuições também internas das comunidades cristãs. Além de criar caminhos para a apresentação do Evangelho em seu próprio contexto, estimulam uma experiência de educação cristã mais dinâmica.

2. A RELEVÂNCIA SOCIAL POR MEIO DA AÇÃO DAS COMUNIDADES CRISTÃS

2.1 Da perspectiva eclesial social

Desde o começo da história o bem é colocado diante do ser humano (Gn 2.9). O salmista (Sl 13.6) canta pelo bem que Deus realizou em sua vida. A recomendação da sabedoria (Pv 3.27-28) solicita que se faça o bem sempre que houver oportunidade, conforme as possibilidades. A declaração final é de que aquele que faz o bem é de Deus (3Jo 1.11). É importante ainda lembrar que fazer o bem significa fazer a coisa certa, mas também não deixar passar a oportunidade de fazê-lo (Tg 4.17). As oportunidades são múltiplas e surgem todos os dias, especialmente no contexto da educação.

Em Mateus 5.13-16 os discípulos são descritos como “sal da terra” e “luz do mundo” como referência ao caráter transformador da ação cristã na sociedade e no mundo. Ao comentar acerca da expressão “sal da terra” se diz que “nada causa tanta aversão como um cristianismo egoísta que fica indiferente diante dos que ainda estão do lado de fora. Isso não é sal, mas sujeira” - trata-se de “uma palavra terrível sobre um cristianismo que apenas se autossatisfaz e não trabalha nem se multiplica”.¹¹ Assim, sem perder o foco principal de sua missão, as práticas e ações cristãs educativas precisam ser reconhecidas como transformadoras de realidades que se apresentam no mundo.

No cristianismo primitivo aconteceram movimentos importantes envolvendo a fé cristã e a realidade social, dentre eles “a passagem do cristianismo de movimento judaico ao movimento gentio e sua passagem do ambiente rural ao ambiente urbano”. Especialmente sobre este último aspecto, a progressão do evangelho no contexto

¹⁰ MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. Educação em perspectiva: firmados no passado, inspirados no futuro, ensinando no presente. *Revista Batista Pioneira*, Ijuí, v. 3, n. 2, dez. 2014. p. 340.

¹¹ RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus: comentário Esperança*. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. p. 81.

urbano “implicou grande mudança de horizonte cultural no cristianismo - passando de um impulso de reforma interior ao judaísmo palestinese para um movimento de fala grega baseado nas cidades cosmopolitas do mundo greco-romano”.¹² A mensagem cristã não é anulada pelas transformações culturais que ocorrem; no entanto, ela contribui na configuração de ações e transformações de realidades diversas da vida, especialmente no contexto educacional, reconhecido como processo pelo qual as pessoas são formadas para viver.

O exposto acima pode ser elucidado no fato de Paulo usar referências a conteúdos educacionais que faziam parte das instituições de ensino das cidades gregas no período greco-romano.¹³ Essa contextualização mostra a dinâmica da fé e como ela articulava-se culturalmente referenciando realidades da educação da época primitiva. Assim, a cultura e a educação são caminhos e ao mesmo tempo oportunidades para a efetiva comunicação do amor de Deus pelas pessoas e para constituírem-se em boa obra (Ef 2.8-10).

2.2 Da perspectiva social eclesialística

Quando a igreja que diz amar e ser portadora de uma mensagem de amor não se importa com a condição humana, a mensagem fica confusa para muitas pessoas que estão lutando umas pelas outras. É neste ponto que se concentram muitas críticas referenciando uma espiritualidade vazia e subjetiva. Isso está exposto na seguinte observação:

Também não falo aqui da religião que desenvolve um subjetivismo para o além-mundo. Refiro-me àquele traço espiritual que permite ao homem perceber-se e perceber seu espaço no Universo, e que promove forças para ajudar a mudar o mundo.¹⁴

Observa-se claramente a expectativa social existente que não exclui a subjetividade da vida espiritual, mas se recusa a reconhecê-la apenas nesta dimensão. Tal postura encontra subsídios bíblicos como já referenciados e suficientes para se afirmar como princípio.

Não seria difícil perceber a razão de muitas críticas à fé cristã quando esta limita-se em si mesma, em uma fé sem obras, condenada pela própria Bíblia (Tg 2.14-18).

¹² STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. *O Novo Testamento em seu ambiente social*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996. p. 46-47.

¹³ STAMBAUGH; BALCH, 1996, p. 110-111.

¹⁴ CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. *O que é cidadania*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. p. 88. (Coleção Primeiros Passos, 50).

Bem diferente disso foi a realidade vivenciada pela Igreja Primitiva, por exemplo, que teve sua clara extensão para a comunidade à sua volta. Fica evidente, ao se olhar para esta igreja, que o que ela experimentou foi amplamente exportado para todos que entraram em contato com ela.¹⁵

O assunto *boas obras* encontra, por si só, resistência em alguns círculos teológicos; imaginar então que seria possível trazer as nações para adorar a Deus por intermédio delas pode soar ainda mais improvável, ainda mais quando estas pessoas consideradas viviam na maior potência mundial, ou seja, o Império Romano. “Por mais improvável que isso parecesse naquele tempo, o chamado de Jesus para ser luz do mundo foi levado a sério por seus discípulos. Eles se dedicaram a atos quase heroicos de piedade”.¹⁶

As ações destes primeiros cristãos foram simples, mas de abrangência gigantesca. Eles amavam seus inimigos, oravam pelos seus perseguidores e cuidavam dos pobres onde quer que os encontrassem. O Imperador Juliano, a quem foi atribuído o título “apóstata” por não seguir a fé cristã, reconheceu estes atos de benevolência dos cristãos que sobrepujavam as ações dos não cristãos.¹⁷ Registros históricos comprovam que a igreja de Jerusalém tinha uma lista de pessoas que eram cuidadas e alimentadas diariamente; “Paulo, em resposta a uma fome que devastou a Palestina entre 46-48 d.C., conduziu, por quase uma década, seu próprio programa de ajuda internacional, destinado aos palestinos afetados pela pobreza”.¹⁸

As ‘boas obras’ cristãs continuaram muito tempo depois da era do Novo Testamento. Sabemos, por exemplo, que por volta do ano 250 d.C., a comunidade cristã de Roma estava sustentando 1.500 pessoas carentes todos os dias. Igrejas em todo o Mediterrâneo estabeleceram programas de alimentação, hospitais e orfanatos. Estes estavam disponíveis para cristãos e não cristãos. Isso foi uma inovação. E qual foi o resultado disso? Bem, em dois séculos e meio, os cristãos passaram de um pequeno grupo de algumas centenas de judeus da Palestina para a maior força social na história do mundo. Na verdade, a influência das boas obras cristãs foi tão grande que, no século IV, o imperador Juliano (331-363 d.C.) temeu que o cristianismo assumisse a direção do mundo todo, para sempre, por meio de boas obras secretas.¹⁹

¹⁵ PADILLA, 2009, p. 57-62.

¹⁶ WRIGHT, Christopher J. H. *A missão do povo de Deus: uma teologia da missão da igreja*. Trad. Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012. p. 174-175.

¹⁷ JOHNSON, Paul. *A history of Christianity*. New York: Atheneum, 1976. p. 75.

¹⁸ Apud WRIGHT, 2012, p. 174-175.

¹⁹ Apud WRIGHT, 2012, p. 174-175.

Muitas das ações e experiências compartilhadas dentro desta igreja incipiente foram transferidas e assimiladas de forma automática pela sociedade à sua volta. Ao se olhar a ética do Sermão do Monte, que é uma renovação dos Dez Mandamentos, percebe-se claramente que boa parte dos direitos humanos descritos na atualidade tem a sua base neste ensino. Todos os serviços prestados pela igreja no campo social e humanitário receberam ao longo do tempo um sólido apoio popular por onde se espalharam. Este apoio se traduz posteriormente em avanços jurídicos, poder político e prestígio cultural. A igreja alimentou, mostrou e realizou “uma ‘utopia que funciona’ no seio do submundo romano. Conseguiu para muitas pessoas e muitos grupos uma cidadania real”.²⁰

Dentre algumas mudanças significativas prestadas pelo cristianismo à comunidade, pode-se citar: o enterro dos falecidos; a hospitalidade que recepcionava até mesmo os desconhecidos; um programa de assistência social aos marginalizados, visitas aos doentes, inválidos e presos e o reconhecimento do valor das mulheres.²¹

“Jesus ensinava corretamente o paradigma certo, porque lidava com a erradicação do mal, porque ensinava de maneira a libertar as pessoas do peso da lei, porque priorizava as pessoas e não bens e instituições”. Era neste aspecto que a Sua justiça excedia a dos escribas e fariseus, profetas, legisladores e do Poder Constituinte. Ele ensinava “como quem tem autoridade”, não só pela coerência do que falava, mas principalmente por falar e fazer a coisa certa. A mensagem de Jesus era prática.²²

Percebe-se tanto no Decálogo como na revisão do mesmo por Jesus uma ênfase em quatro áreas que deveriam e são influenciadas pelo cristianismo, quando este é verdadeiramente assimilado:

a) *Suficiência econômica* - que não significa que todos se tornariam ou se tornarão ricos, mas uma preocupação em oferecer o necessário para a vida a todos. Esta suficiência tem implicações tanto na produção a partir do trabalho como também no manuseio correto dos recursos, evitando desperdício e roubos (Dt 15.4; Is 9.3; 2Ts 3.8-10; Ef 4.28).²³

b) *A paz social* - que é muito mais do que o apaziguamento daquele que está

²⁰ PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

²¹ MARQUES, Roberta Lia Sampaio de Araújo. A contribuição da doutrina cristã para os direitos fundamentais. *Themis: Revista da ESMEC (Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará)*. Fortaleza, v. 5, n. 1, jan./jul. 2007. p. 44-45.

²² QUEIROZ, Carlos. *Ser é o bastante: felicidade à luz do Sermão do Monte*. Curitiba: Encontro, 2003. p. 215.

²³ MUZIO, Rubens. *O DNA da igreja: comunidades cristãs transformando a nação*. Curitiba: EEE, 2010. p. 59-63.

armado. Visa levar tranquilidade àquele que está aflito por causa de uma doença, pela privação dos seus familiares e também por causa das tensões do dia a dia. A paz social é um fator-chave para a erradicação da pobreza e inicia-se com a paz que o ser humano deve ter com Deus, para repassá-la ao seu próximo e ao mundo criado (2Co 5.19; Cl 1.17,20).²⁴

c) *Justiça pública* - a paz é decorrente da justiça. Deus é um Deus que justifica e que é justo (Sl 33.5; Jo 5.30). Há claras advertências bíblicas contra a injustiça nos livros de Amós e Isaías. Tanto a injustiça estrutural como a individual são retratadas na Escritura. Pela Bíblia, “roubar um trabalhador do seu justo pagamento é tão pecaminoso quanto roubar um banco. Votar a favor de um racista e corrupto é tão pecaminoso quanto dormir com a mulher do próximo”.²⁵ A justiça ocorre pela legislação, reparação e penalidades. Quando divinamente instituídas, elas colaboram para a vivência pacífica.²⁶

d) *Retidão nacional* - a retidão está diretamente ligada com a moralidade da nação. Conhecer os preceitos de Deus e segui-los é fundamental para que se experimente uma transformação em todos os níveis do governo e da população em geral. A moralidade está ligada ao conhecimento dos preceitos de Deus.²⁷

Os pais da igreja²⁸ também manifestaram uma preocupação de beneficiar a comunidade com a transformação do Evangelho. Clemente de Roma, por exemplo, expressou uma preocupação muito profunda com os marginalizados ao declarar que os fortes deveriam cuidar dos fracos e os ricos deveriam cuidar dos pobres como resposta à justificação recebida.²⁹

Na Reforma pode-se perceber a mesma ênfase. A comunidade nunca está aquém

²⁴ COMBLIN, J. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 26.

²⁵ MUZIO, 2010, p. 71.

²⁶ MUZIO, 2010, p. 70-72.

²⁷ NEWNIGIN, Leslie. *The gospel in a pluralistic society*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989. p. 53.

²⁸ *Orígenes defendendo os pobres na igreja* - No século III d.C., o pagão Celso e o cristão Orígenes se engajaram num debate sobre o Cristianismo. Durante a discussão, Celso haveria declarado: Quando a maioria dos mestres sai a ensinar, gritam: “Venham a mim os que são limpos e dignos”, e os que o seguem são as pessoas do mais alto gabarito existente. Mas seu mestre é néscio e grita: “Venham a mim os abatidos e afligidos pela vida”, de forma que se acumulam ao seu redor os marginalizados e excluídos da humanidade. A resposta de Orígenes a Celso é descrita como uma das declarações mais profundas jamais feita acerca do poder do Cristianismo: Sim, eles são os marginalizados e excluídos da humanidade. Mas Jesus não os deixa assim. De um material que alguém diz ser inútil, ele forma “pessoas fortes”, devolvendo-lhes seu respeito próprio, capacitando-os para se sustentarem sobre seus próprios pés e olhar em Deus nos olhos. Eles eram objetos amedrontados, desprezados, quebrantados. Mas o Filho os libertou! (LINTHICUM, Robert C. *Revitalizando a igreja*. São Paulo: Bom Pastor, 1996. p. 87-88).

²⁹ NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: uma visão contemporânea*. Campinas: LPC, 1999. p. 58.

na ação da igreja cristã. Lutero, conhecido pela difusão da doutrina da justificação, menciona o aspecto social em duas das 95 Teses:

43^o - Os cristãos devem ser ensinados que aquele que dá ao pobre ou empresta ao necessitado pratica uma obra melhor do que comprar perdões.

45^o - Os cristãos devem ser ensinados que aquele que vê um homem em necessidade, e passa por ele, e dá (seu dinheiro) por perdões, não compra as indulgências do papa, mas a indignação de Deus.³⁰

João Calvino e os demais pastores de Genebra³¹ também deram a sua contribuição para esta comunidade, denunciando os pecados sociais e enfatizando o senhorio de Cristo sobre todas as esferas da existência humana.³² O próprio Calvino via a dimensão do dinheiro e do trabalho como sendo sagradas. “Considerava os negócios como uma forma legítima de servir a Deus e de trabalhar para a sua glória”. Ele via a circulação de dinheiro e os bens e serviços como uma forma concreta da comunhão dos santos, uma vez que os colocava em contato, e defendia que aqueles que se envolviam em negócios deveriam ter como objetivo ajudar os pobres e os ricos. Pensava que seria bom restaurar o ano do jubileu - uma redistribuição voluntária periódica da riqueza, de modo que a brecha social nunca se tornasse permanente. Em um sermão, ele disse: “Deus mistura os ricos e os pobres para que eles possam encontrar-se e ter comunhão uns com os outros, de modo que os pobres recebam e os ricos repartam”.³³

No movimento pós-Reforma pode-se citar John Wesley como alguém muito preocupado com as questões sociais. São atribuídas a ele muitas ações transformadoras na área social, como a abertura de clínicas gratuitas, o estabelecimento de uma espécie de cooperativa de crédito, escolas e orfanatos. “Os historiadores atribuem à influência de Wesley - muito mais que a qualquer outra

³⁰ BETTENSON, H. *Documentos da igreja cristã*. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1967. p. 235.

³¹ Os pastores de Genebra intercediam diante do Conselho da cidade em favor dos pobres e dos operários. O próprio Calvino intercedeu várias vezes por aumentos de salário para os trabalhadores. Os pastores genebrinos pregavam contra a especulação financeira e fiscalizavam parcialmente os preços contra altas abusivas. Sob a influência dos pastores, o Conselho limitou a jornada de trabalho dos operários. A ociosidade foi proibida por leis: os estrangeiros que não tivessem meios de conseguir trabalho deveriam deixar Genebra dentro de três dias após a sua chegada. E os desocupados da cidade deveriam aprender um ofício e trabalhar, sob a ameaça de serem presos se assim não fizessem. O Conselho instituiu cursos profissionalizantes para os vadios e os jovens, para que eles pudessem entrar no mercado de trabalho. In: LOPES, Augustus Nicodemus. *O ensino de Calvino sobre a responsabilidade social da igreja*. São Paulo: PES, 1998. p. 20.

³² ROCHA, Calvino Teixeira da. *Responsabilidade social da igreja*. Londrina: Descoberta, 2003. p. 56.

³³ BIÉLER, A. *O humanismo social de Calvino*. São Paulo: Oikoumene, 1970. p. 72-74.

coisa - o fato de a Inglaterra haver sido poupada dos horrores de uma revolução sangrenta como a da França”.³⁴ Ainda pode-se citar William Wilberforce, um parlamentar cristão que lutou ao longo de toda a sua vida para transformar a Inglaterra em um país livre da escravidão. Ele foi o fomentador de todo o movimento antiescravocrata mundial.³⁵

Há a necessidade de uma igreja mundana, isso não no sentido de uma igreja secularizada e muito menos com valores inversos aos do Reino de Deus, mas no sentido de uma igreja relevante no mundo, a começar pela comunidade que a cerca. Uma igreja que incentiva seus filhos a realizarem a transformação necessária onde estão, sendo um referencial para as pessoas à sua volta, a ponto de poderem dizer como Paulo: “Sede meus imitadores como eu sou de Cristo”³⁶ (1Co 11.1). Seria uma igreja em contato com os que precisam dela.³⁷

Ao falar da natureza da evangelização e da responsabilidade social, Lausanne traz consigo a ideia do alcance de todo homem pela mensagem do Evangelho. Esta é uma visão que fere o fundamentalismo religioso que tenta dividir a “humanidade entre os *nostros* e os adversários” e faz com que os evangélicos se voltem àqueles que se consideram seus piores inimigos, no contexto em que estão.³⁸

A igreja não tem o direito de se conformar com a religião das quatro paredes. Ela precisa, a partir do mandato cultural (que aponta para o cuidado com a criação), reconhecer que tem uma missão no mundo por meio dos dons e talentos que todas as pessoas receberam. Estes dons e talentos levam às profissões, que se constituem de uma vocação divina.

Para o cristão tudo é sagrado. Não é só a igreja ou dentro da igreja.³⁹ Há aqui a necessidade da compreensão do Reino como sendo maior do que a igreja, até porque é ele que cria a igreja para uma atitude contra o eclesiocentrismo. A missão é no mundo e tudo o que se faz usando os recursos de Deus e com a ajuda de Deus é vocação. A comunidade precisa da igreja.⁴⁰

³⁴ STOTT, John. *John Stott comenta o Pacto de Lausanne*. Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983. p. 9.

³⁵ SCHAEFFER, Francis A. *Manifesto cristão*. [S.l.]: Refúgio, 1985. p. 65.

³⁶ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de estudo Almeida*. Barueri: SBB, 2006. p. 250.

³⁷ SANTOS, Luiz Fernando dos. Por uma igreja mundana. *Ultimato*, 20 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana/#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

³⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). *Missão integral transformadora*. Londrina: Descoberta, 2006. p. 23-24.

³⁹ GREENWOOD, Philip John. *Fazedores de tendas, fazedores de discípulos*. Londrina: Descoberta, 2005. p. 13-15.

⁴⁰ PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia y Reino de Dios*. Singueem: Salamanca, 1974. p. 49.

3. CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA PRÁXIS: PANAMBI (RS)

3.1 Um breve relato de experiência

Entre os anos de 2013 a 2015 foram implantadas como práticas sociais na Igreja Batista Emanuel em Panambi (RS) duas iniciativas no contexto de apoio à educação: a primeira denominada Capelania Escolar e a segunda com o eixo Educação Ambiental.

Na Capelania Escolar o objetivo era oferecer à comunidade escolar do município de Panambi a oportunidade para dialogar sobre questões de conflitos interpessoais, situações de estresse, de violências urbanas e familiares que eclodem no ambiente da escola, atingindo alunos, mestres, profissionais da educação, pais de alunos e comunidade em geral. Por meio do método de aconselhamento (conversação) particular ou em grupo, oferecido em sala ambiente reservada no espaço da escola, sem vinculação religiosa direta, usando apenas princípios ético-cristãos, o conselheiro disponibilizaria em caráter voluntário tempo para ouvir questões, mediar conflitos e apresentar sugestões práticas para equacionar situações que fujam ao controle e à jurisdição de professores e educadores da escola, oferecendo vias de soluções às dificuldades de relacionamentos interpessoal e pessoal de alunos, mestres e pais.

Por meio do Projeto Educação Ambiental considerou-se como objetivo primeiramente a integração da comunidade cristã com a temática que é amplamente difundida e de relevância global. Parte deste objetivo é compreender os desafios da localidade onde a igreja está inserida, sua relação com as entidades e instituições que atuam a partir desta temática, tornando-se engajada especialmente pela proposta educativa.

3.2 Algumas ações e práticas

No Projeto Capelania Escolar houve a participação do capelão responsável e de sua equipe nos principais eventos promovidos pelas escolas atendidas; houve momentos de aconselhamento realizados no ambiente escolar em, pelo menos, um dia de cada semana do ano letivo; proporcionou-se ainda a participação das escolas nos eventos realizados pela igreja, como as programações da Semana da Criança no mês de outubro, com momentos de música, teatro e uma meditação. Surgem constantemente solicitações para que os participantes do projeto cooperem também nos projetos de formação que as escolas possuem para pais e professores.

No Projeto Educação Ambiental, foram desenvolvidas ações internas e

externas. Em relação às internas, realizaram-se atividades educativas acerca do meio ambiente a partir das atividades que a comunidade já desenvolve, como estudos com a temática meio ambiente, atividades com crianças conhecendo árvores no pátio da igreja, avaliação de ações e possibilidades de ajustes mais adequados das estruturas às questões ambientais, entre outros. Externamente, participou-se regularmente de reuniões do Conselho Municipal do Meio Ambiente acompanhando os desafios da localidade e a igreja integrou-se na campanha de combate à dengue no município.

3.3 Resultados observados

O Projeto de Capelania Escolar aproximou a igreja da comunidade e fez com que, aos poucos, as suas ações e palavras fossem transformadas para atingirem aqueles que carecem delas, o que chamamos de contextualização.

Ao longo do Projeto muitos alunos foram atendidos e conflitos mediados. Hoje os alunos buscam os capelães de forma espontânea para compartilhar sobre os seus desafios de vida. Turmas consideradas problemáticas no contexto escolar foram aos poucos transformadas pelas lições compartilhadas e o testemunho dos professores atesta isso. Pode-se perceber que o universo infantil e do adolescente é muito maior do que o observado em sala de aula e as tensões vivenciadas em casa e na rua levam estes adolescentes a comportamentos agressivos, à falta de interesse pelo estudo, às práticas de automutilação (como o *cutting*) e outros problemas decorrentes. Para todos estes pôde-se levar uma palavra bíblica e uma instrução baseada em princípios e valores cristãos.

Por meio do apoio aos projetos de formação de pais e professores, a igreja também consegue auxiliar na mediação desta relação e promover a integração para mais efetividade no apoio à educação. Acima de tudo, o Projeto de Capelania levou a igreja para a escola e fez com que tivesse o direito de manifestar a sua fé e expressar as suas crenças. Hoje se pode falar do Evangelho livremente e todos ouvem com muita atenção, sendo que muitos vêm até a igreja para ouvir mais deste Evangelho.

No Projeto de Educação Ambiental, dentre os primeiros resultados observou-se o espanto de algumas autoridades pelo fato de a igreja participar de algo que envolve a comunidade de forma mais identificada. Este reconhecimento tem sido crescente e vários membros da comunidade cristã começam a visualizar práticas úteis na contribuição educativa desta temática. A preocupação com as questões

ambientais causou reflexão e atualização acerca de outros problemas que envolvem a comunidade e em relação aos quais a igreja pode ajudar.

Por meio dos projetos educacionais, muitas pessoas têm olhado para a igreja de uma forma diferenciada. Também diversas pessoas têm procurado apoio pastoral para outros problemas, normalmente relacionados com a família. A ação social realizada com dedicação e amor abre portas para que o amor seja comunicado de forma ainda mais efetiva. A superação da desconfiança que paira sobre instituições religiosas e seus líderes fica reduzida quando estas práticas se estabelecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que esta reflexão não tem como proposta entrar no debate de propostas teológicas já estabelecidas que justificam ou não as práticas e ações das comunidades cristãs em relação à sociedade, verificou-se possibilidades práticas que podem trazer benefícios tanto para as instituições de educação formal quanto para as não formais, isto respeitando os espaços e seus conteúdos.

Considerou-se o reconhecimento da gênese educacional das instituições cristãs a partir da prática de Jesus, a qual foi estendida para seus discípulos. Neste processo se reconheceu igualmente a evolução do conceito de educação, sua relação com a cultura e com a missão cristã. Decorrente destas observações está o fato de que as comunidades cristãs podem ver sua atuação de apoio à educação, bem como a outras áreas, como uma prática que não fere sua missão, antes estimula a prática da fé cristã e abre oportunidades de contribuições na formação cidadã.

A visitação à história da igreja proporcionou um incentivo e embasamento para a ação social como uma prática histórica e não apenas uma necessidade recente. Desde sempre a igreja se viu na comunidade e ela foi da comunidade.

Com todas as mudanças sociais que ocorrem de forma intensa e as críticas que as diversas instituições sofrem, por meio do campo da educação e outras ações as comunidades cristãs têm a oportunidade de demonstrar sua distinção em relação àquelas iniciativas de exploração e diferenciar-se ganhando adequado reconhecimento, além de “autorização” para comunicar a mensagem que possui.

Apesar de recente, a experiência compartilhada já tem evidenciado integração com os pressupostos teóricos anteriormente observados, o que valida o incentivo para que outras iniciativas semelhantes possam ocorrer. E assim como toda pesquisa tem suas limitações, esta registra a necessária continuidade e avaliação para sua ampliação e constatação de sua eficácia.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Alвори. **A eticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária/universal**. 2. ed. Ijuí (RS): Unijuí, 2003.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. **Dicionário teológico**. 13. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- BETTENSON, H. **Documentos da igreja cristã**. Trad. Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: ASTE, 1967.
- BIÉLER, A. **O humanismo social de Calvino**. São Paulo: Oikoumene, 1970.
- CERQUIER-MANZINI, Maria Lourdes. **O que é cidadania**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos, 50).
- COMBLIN, J. **Teologia da missão**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- GREENWOOD, Philip John. **Fazedores de tendas, fazedores de discípulos**. Londrina: Descoberta, 2005.
- JOHNSON, Paul. **A history of Cristianity**. New York: Atheneum, 1976.
- LINTHICUM, Robert C. **Revitalizando a igreja**. São Paulo: Bom Pastor, 1996.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **O ensino de Calvino sobre a responsabilidade social da igreja**. São Paulo: PES, 1998.
- MARQUES, Roberta Lia Sampaio de Araújo. A contribuição da doutrina cristã para os direitos fundamentais. **Themis: Revista da ESMEC (Escola Superior da Magistratura do Estado do Ceará)**, Fortaleza, v. 5, n. 1, jan./jul. 2007.

MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. Educação em perspectiva: firmados no passado, inspirados no futuro, ensinando no presente. *Revista Batista Pioneira*, Ijuí (RS), v. 3, n. 2, p. 331-342, dez. 2014.

MUZIO, Rubens. *O DNA da igreja: comunidades cristãs transformando a nação*. Curitiba: EEE, 2010.

NASCIMENTO FILHO, Antonio José do. *O papel da ação social na evangelização e missão na América Latina: uma visão contemporânea*. Campinas: LPC, 1999.

NEWNIGIN, Leslie. *The gospel in a pluralistic society*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989.

PADILLA, René. *O que é Missão Integral?* Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009.

_____. *10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral*, 28 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia y Reino de Dios*. Singueme: Salamanca, 1974.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.

PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência*. 7. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1990.

QUEIROZ, Carlos. *Ser é o bastante: felicidade à luz do Sermão do Monte*. Curitiba: Encontro, 2003.

RIENECKER, Fritz. *Evangelho de Mateus: comentário Esperança*. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998.

ROCHA, Calvino Teixeira da. **Responsabilidade social da igreja**. Londrina: Descoberta, 2003.

SANTOS, Luiz Fernando dos. Por uma igreja mundana. *Ultimato*, 20 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/por-uma-igreja-mundana#igreja+mundana>>. Acesso em: 11 fev. 2015.

SCHAEFFER, Francis A. **Manifesto cristão**. [S.l.]: Refúgio, 1985.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. **Bíblia de estudo Almeida**. Barueri: SBB, 2006.

STAMBAUGH, John E.; BALCH, David L. **O Novo Testamento em seu ambiente social**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1996.

STEUERNAGEL, Valdir. **O Movimento Lausanne e a Missão Integral**, 20 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/o-movimento-lausanne-e-a-missao-integral#pacto+de+lausanne>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

STOTT, John. **John Stott comenta o Pacto de Lausanne**. Série Lausanne. São Paulo: ABU, 1983.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia da missão da igreja**. Trad. Waléria Coicev. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Os desafios do Pacto de Lausanne para a igreja de hoje. In: KOHL, Manfred W.; BARRO, Antonio Carlos (Orgs.). **Missão Integral transformadora**. Londrina: Descoberta, 2006.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional